

A interlocução entre a fonoaudiologia e a docência*

Daniela C. Chieppe**

Léslie P. Ferreira***

Resumo

*Pesquisar os sentidos da interlocução entre a Fonoaudiologia e a docência no período de formação de um grupo de futuras professoras é uma forma de refletir sobre novos caminhos para a Fonoaudiologia e para a Educação. **Objetivo:** o propósito deste estudo é conhecer as possibilidades de sentidos relativos à interlocução entre a Fonoaudiologia e a Educação, presentes no discurso de estudantes do último ano de Pedagogia de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo. **Métodos:** o estudo qualitativo utilizou-se do grupo focal como instrumento metodológico; estudantes de Pedagogia discutiram o tema proposto diante da pesquisadora, em três encontros, de aproximadamente 90 minutos cada. **Resultados:** as discussões do GF levaram à percepção de que futuros professores não reconhecem a Fonoaudiologia como interlocutor, exceto nas situações de reabilitação. Tal constatação dificulta a relação entre as áreas e minimiza o significado da parceria pela saúde vocal do professor. **Conclusões:** é oportuno que a Fonoaudiologia reveja seus métodos profiláticos e preventivos referentes à saúde vocal do professor. Deve-se explorar o espaço da sala de aula no período de formação do professor, com informações e suporte à prática docente inicial. Deste modo, a Fonoaudiologia e a Educação terão condições de uma maior aproximação e os conhecimentos fonoaudiológicos relacionados à saúde e bem-estar do professor poderão ser reconhecidos, apreendidos e praticados pelo professor, desde a sua formação.*

Palavras-chave: comunicação; docentes; voz.

Abstract

*To inquire about the sense of interlocution between speech therapy and teaching during the training of a group of future teachers is a way of thinking about new paths for both Speech Therapy and Education. **Aim:** The aim of this study is to identify the possible meanings related to the interlocution between Speech Therapy and Education found in the speech of students from senior year of Pedagogy at a public university of São Paulo. **Method:** The qualitative study was based on the Focal Group as a methodological instrument; Pedagogy students have discussed the theme in the presence of the researcher within three meetings of 90 minutes each. **Results:** Through the discussions of FG it was noticed that future teachers do not recognize Speech Therapy as an interlocutor, except in the case of rehabilitation. Such verification turns difficult the relationship between these areas and reduces the meaning of their association for teacher's vocal health. **Conclusions:** It is convenient that Speech Therapy reexamines its prophylactic and preventive methods related to teacher's vocal health. During the training, the classroom must be turned into a space where information and support to teaching are provided. In this way, Speech Therapy*

* Este trabalho é parte da dissertação de mestrado *A Fonoaudiologia na Formação do Professor*, defendida na PUC-SP, em 2004, com auxílio da Capes. O trabalho foi apresentado no Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia – 2005 – Santos/SP. ** Mestre em Fonoaudiologia pela PUC-SP. *** Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana – Unifesp. Professora titular da Faculdade de Fonoaudiologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia – PUC-SP.

and Education can be approximated, which can contribute to the recognition, understanding, and application of the speech therapy knowledge related to teacher's health and well-being since his/her training.

Keywords: communication; teachers; voice.

Resumen

Introducción: Buscar los sentidos de la interlocución entre Fonoaudiología y docencia en el periodo de formación de un grupo de futuras profesoras es una manera de reflexionar sobre los nuevos caminos para la Fonoaudiología y para la Educación. **Objetivo:** El objetivo de este estudio es conocer las posibilidades de sentidos relacionados a la interlocución entre Fonoaudiología y Educación, presentes en el discurso de estudiantes del último año de Pedagogía de una universidad pública del interior de São Paulo. **Métodos:** El instrumento metodológico utilizado en el estudio cualitativo fue el Grupo Focal; estudiantes de Pedagogía discutieron el tema en presencia de la investigadora, en tres encuentros, con 90 minutos cada. **Resultados:** Desde las discusiones del GF, percibimos que los profesores no reconocen la Fonoaudiología como interlocutor, excepto en las situaciones de rehabilitación. Esta constatación señala dificultades de relación entre las áreas y disminuye el significado de la parceria por la salud vocal del profesor. **Conclusiones:** Es conveniente que la Fonoaudiología revea sus métodos profilácticos y preventivos relacionados a la salud vocal del profesor. En el periodo de formación del profesor, la clase debe de ser transformada en un lugar donde la docencia encuentre las informaciones y el soporte necesarios. De este modo, Fonoaudiología y Educación podrán ser aproximadas, y los conocimientos fonoaudiológicos relacionados a la salud y al bienestar del profesor podrán ser reconocidos, aprendidos y practicados por el profesor desde su formación.

Palabras claves: comunicación; docente; voz.

Introdução

É antiga a relação entre a Fonoaudiologia e a Educação. Ao longo dos anos, nós compartilhamos projetos, princípios e métodos de trabalho (Ferreira e Chieppe, 2005). A voz do professor é um dos vieses dessa relação e é a partir do enfoque a essa problemática que desenhamos nosso estudo. Porém, propusemo-nos a olhar de um outro ângulo para compreender as possibilidades de sentidos contidas nessa relação.

O princípio de nossa reflexão sobre como a voz é significada por professores partiu de um texto de Ferreira (2002), em que a autora narra sua experiência de perguntar aos pacientes – “profissionais da voz” – sobre o que a voz representava para eles:

“– Eu sei que você queria que eu dissesse que é importante, mas às vezes, eu penso: e se eu ficar cega, como farei para ler, me atualizar?” – respondeu uma professora.

Para os fonoaudiólogos, parece difícil ver a voz, a linguagem ou a comunicação negada em primeiro plano, por ser o nosso objeto de estudo e trabalho e pela grande importância que lhes atribuímos. Entretanto, o professor, desde a sua formação, confronta-se com inúmeras dificuldades, de outras naturezas (Pimentel, 1994; Lima, 1996; Mello, 1998; Basso, 1998; Rego, 2001; Lima, 2004; entre outros), fatores que o absorvem e, de certa forma, o impedem de reconhecer-se como agente comunicativo.

Ressaltamos que a voz do professor é tema de 363 trabalhos fonoaudiológicos (Simões, 2004/2005), fato que, de certa forma, demonstra o grande interesse da Fonoaudiologia em se aprofundar na problemática vocal do professor, conforme afirmam Dragone e Behlau (2006).

Em grande parte dos trabalhos, a voz é descrita como produto do (mau) uso que o professor faz dela. Os estudos referem-se aos aspectos orgânicos, funcionais, ambientais, isto é, considera-se uma

“multifatoriedade causal” (Ferreira et al., 2003) que leva às alterações vocais.

Não obstante, os estudos sobre a voz do professor apontam para um contraste entre a atenção dada por professores à necessidade de cuidados vocais e os índices elevados de professores comprometidos com problemas vocais (Bloch, 1981; Ferreira, 1999; Servilha, 2000; Dragone, 2001; Ferreira et al., 2003; Penteadó, 2007; entre outros).

Tais questões levam-nos a refletir sobre os caminhos que seguimos durante anos de estudos quanto à problemática da voz do professor e o real papel da interlocução entre as áreas.

Nesse sentido, o período de formação do professor é um cenário muito propício para essa discussão e a via escolhida é tentar reconhecer no discurso de um grupo focal (GF) composto por estudantes de Pedagogia de uma universidade pública paulista, os sentidos atribuídos à interlocução entre a Fonoaudiologia e a docência.

Portanto, o objetivo deste estudo é conhecer as possibilidades de sentidos relativos à interlocução entre a Fonoaudiologia e a Educação, presentes no discurso de estudantes do último ano de Pedagogia de uma Universidade pública do interior do estado de São Paulo.

É sabido, por meio da literatura, que antes da fundação do primeiro curso formal de Fonoaudiologia no Brasil, na década de 1960, havia um volume de trabalhos voltados para a sistematização dos cuidados com a voz para aqueles que a utilizam em seus ofícios (Souza, 1998), entre eles, o professor. Portanto, é notória a preocupação com a saúde da fala e da voz para o desempenho de funções profissionais.

Em 1988, Pinto e Furck descreveram um trabalho de prevenção à saúde vocal de professores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo e a aceitação dos professores mostrou a importância da abordagem preventiva para a Educação. Para a Fonoaudiologia, esse trabalho é um marco, por trazer a possibilidade de se realizarem programas fora da clínica, para além do distúrbio da voz propriamente dito. Destaca-se no trabalho a denúncia de que há muitas outras questões carentes de cuidados e estudos, como, por exemplo, a formação do professor diante da realidade dos problemas vocais. Segundo as autoras, o professor não recebe treinamento ou informações que o alertem quanto aos riscos do uso incorreto da voz.

Outra importante observação vem de Viola (1997), que constatou que em comparação com cantores, atores, radialistas, o professor preocupa-se menos com sua voz. A autora atribuiu tal alegação ao fato de que o professor conta com outros recursos didáticos e que não passa (frequentemente) por processos seletivos que façam da voz um aspecto eliminatório ou mesmo classificatório para sua admissão no emprego.

Vê-se, portanto, a menção ao preparo e treinamento comunicativo do professor para a função docente como um aspecto à margem em relação à formação e à carreira.

Propostas de cunho informativo-preventivo, elaboradas por fonoaudiólogos (Ferreira, 1999; Ferreira et al., 1999; Grillo, Lima e Ferreira, 2000 entre outros), apresentam-se com o objetivo de levar ao professor conhecimentos quanto ao risco de comprometimento vocal a que está exposto e às diversas atitudes protetoras da voz e preventivas às doenças laringeas. Os trabalhos refletem momentos científico-institucionais, que os tornam fundamentais para a trajetória da Fonoaudiologia.

É inegável que, muitas vezes, as condições de trabalho do professor aproximam-no dos quadros de doenças, responsáveis por licenças e afastamentos que, segundo Bicudo-Pereira, Penteadó e Marcelo (2000), poderiam ser diferentes se o professor recebesse orientação sobre seu processo saúde-doença e viesse a se reconhecer como agente perante sua saúde; o momento adequado para esse reconhecimento merece especial atenção, uma vez que, após o aparecimento de um problema, qualquer intervenção será corretiva, curativa ou reabilitadora.

Em nossa opinião, a busca por formas eficazes de combate aos problemas vocais em professores precisa, para se legitimar, do envolvimento do professorado e, talvez, a abordagem em seu período de formação seja mais apropriada, desde que se tenha a prevenção às doenças da voz como consequência de um trabalho sustentado com enfoque à saúde e boa comunicação dessa classe profissional.

Compreender melhor a complexidade da atuação dos professores em sala de aula tornou-se uma necessidade, principalmente para que as propostas fonoaudiológicas relacionadas à voz dos professores acompanhem o movimento de promoção da saúde, discutido, enfatizado, praticado e divulgado pelos estudos em Fonoaudiologia e em Saúde Coletiva (Penteadó, 2002; Servilha e Penteadó, 2004; Penteadó, Chun e Silva, 2005; entre outros).

Pode-se afirmar que a Fonoaudiologia segue caminho paralelo ao trilhado pela área de Educação e que há necessidade de uma busca emergente por ativar as possibilidades de intersecção entre as áreas.

De acordo com Lima (1996), o próprio conceito de aula carrega a complexidade, por defini-la “como uma situação prática, com forte conotação artística” e, portanto, incerta, instável, singular e dotada de conflitos de valores.

A começar, a sala de aula impõe ao professor experiências afetivas diversas, que exigem dele um saber que é extraído do cotidiano. Mello (1998) cita, entre tantos, a angústia diante da inocuidade dos alunos: mesmo após um preparo cuidadoso da aula, a dificuldade do aluno em compreender o que lhe é ensinado (na grande maioria das vezes por meio de exposições orais) traz ao professor ansiedade e angústia.

Pinet e Silveira (1998) realizaram um estudo no sul do Brasil sobre a “Eficácia Acadêmica”, isto é, para “conhecer as características mais importantes do desempenho do professor universitário” que levavam um estudante a recomendar determinado professor a um colega. Os professores mais recomendados eram também os que se comunicavam mais e melhor com seus alunos. Eis um dado importante: a competência docente validada pela competência comunicativa. Porém, ainda é insuficiente, visto que o estudo não discrimina o que foi considerado “boa comunicação”.

Outras pesquisas em Educação trazem a comunicação na docência como temática, principalmente entre pesquisadores de universidades portuguesas, onde há grande interesse em conhecer o que leva um professor a ser bem-sucedido em sua carreira (Vasconcelos, 2000; Rego, 2001; entre outros).

Vasconcelos (2000) coloca a questão da comunicação como uma das “destrezas” a serem desenvolvidas pelo professor, de modo a permitir-lhe partilhar conhecimentos e experiências com outros colegas e com seus alunos.

Cunha (2001) refere ser a palavra a principal ferramenta do professor. Segundo a autora, os bons professores devem manifestar inúmeras habilidades de ensino, diretamente relacionadas à linguagem – o que nos permite inferir que tais habilidades são também objetos de estudos da Fonoaudiologia.

Fica claro que a preocupação com a habilidade comunicativa na docência é paulatinamente localizada nos estudos em Educação, entretanto, há carência quanto à conjugação entre a teoria e a prática no que se refere a essa habilidade. Mais ainda, para que haja essa conjugação, há de haver, primordialmente, a significação da comunicação pelos sujeitos que se formam professores e a motivação para explorá-la como material de formação profissional.

Neste estudo, buscamos reconhecer tais significados no discurso das estudantes, futuras professoras.

Materiais e métodos

O estudo, de natureza qualitativa, faz utilização do grupo focal (GF) como estratégia metodológica devido ao caráter interativo da investigação. Desde o princípio, adotou-se o critério de escuta, que exigiu que o meio de obtenção das informações fosse também característico dessa prontidão em ouvir, em conhecer, em compreender as formas de pensamento e ação dos futuros professores, sujeitos da pesquisa.

Essencialmente, GF são grupos em que os participantes, acolhidos por um critério de homogeneidade, além do moderador e de um observador, se reúnem para discussão de um tema determinado, por um período máximo de duas horas a cada encontro (Roso, 1997). Por essa modalidade, os participantes têm oportunidade de apropriar-se do tema em discussão e transformá-lo segundo a trajetória do grupo. Num exercício de ampliação e retração do foco, que evolui para o que é acessível ao grupo diante do tema proposto.

Os sujeitos foram abordados na universidade, em sala de aula. O período escolhido foi o diurno, pois os alunos, com faixa etária entre 20 e 22 anos, estavam cursando o sétimo semestre. No período noturno, outra opção, havia uma variação maior de idade e também de disciplinas cursadas e de experiências profissionais. Dessa forma, a homogeneidade sugerida como critério para formação do GF pareceu mais próxima entre os alunos do curso diurno.

A princípio, decidimos não informar sobre a área de concentração da pesquisa para não influenciá-los. Não obstante, não foi feito suspense, apenas a omissão do dado, pronto para ser revelado caso fosse questionado. Em nossa expectativa,

essa seria uma questão imediatamente levantada e esclarecida ao iniciarmos as reuniões com o grupo, mas, surpreendentemente, isso não aconteceu de imediato.

Formamos um grupo de sete graduandas do último ano de Pedagogia de uma universidade estadual paulista, convidadas para a discussão do tema. Foi explicitado que cada participante teria garantido o direito de expor suas opiniões e concepções diante do assunto – concordância, discordância e precisão.

Uma das pesquisadoras assumiu o papel de mediadora e conduziu as discussões. Foi adotada uma postura imparcial, porém, com provocações e observações que visavam oportunizar a participação de todos do grupo. É válido informar que as intervenções foram restritas.

Os encontros foram subdivididos em três fases de discussão e ocorreram em três dias consecutivos. A cada fase, a pesquisadora lançava uma questão inicial que levava o grupo a formular outras, pertinentes ao tema, e todos os participantes eram convidados a opinar sobre todos os tópicos levantados.

No primeiro encontro, também chamado pela pesquisadora de ambientação, a pergunta inicial foi: “O que é preciso para ser professor? E quais os meios disponíveis ao professor para exercer sua função?”. No segundo encontro, a questão foi um pedido de significação de três conceitos para o exercício da docência, quais sejam: “diálogo, comunicação e expressividade” – nesse encontro, depois de algum tempo de discussão, uma das estudantes perguntou à pesquisadora sobre a área da pesquisa, uma marca substancial na modificação do discurso do GF. No terceiro e último encontro, a questão foi “a relação professor x comunicação”, levando em conta os aspectos de formação e sua relação com o alunado.

É exatamente a mudança no discurso, ocorrida no segundo encontro, que nos interessa neste momento, como meio capaz de demonstrar os sentidos atribuídos à interlocução entre a Fonoaudiologia e a Educação.

Os resultados foram analisados com base na proposta dialética de Minayo (2000), que prima pela compreensão dos dados coletados, pela ampliação do conhecimento sobre o assunto, articulada ao contexto sociocultural a que pertence. Desse modo, entende-se que a condição investigativa buscada foi atingida à medida que o GF proporcionou

aos sujeitos a discussão do tema com autenticidade e a análise dos dados valorizou o contexto em que os enunciados foram produzidos.

Neste artigo, trazemos recortes dos enunciados, instigados pela reflexão das autoras e interpretados e discutidos com fundamentação na literatura.

O conteúdo dos encontros foi observado e audiogravado em fita cassete. Os enunciados foram transcritos de acordo com Preti (1999) e expostos com nomes fictícios para garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa.

Resultados e discussão

Denise: *Mas ontem... eu achei engraçado:: Foi o último dia de uma disciplina... E aí:: quando ela (professora) terminou o curso... ela disse... / – “Olha gente... eu queria dizer uma coisa... Eu sei que eu sou cheia de defeitos e que o meu maior defeito é não deixar aluno falar.../ porque eu não deixo mesmo... **Eu falo... falo/ falo e não deixo... mas é uma opção... É uma escolha minha dentro da sala de aula e na minha profissão... Porque pra eu trabalhar em um semestre os conteúdos que eu quero que vocês aprendam... aquilo que eu acho que é fundamental vocês aprenderem e trabalhem enquanto professores... eu não conseguiria trabalhar se eu deixasse vocês falarem o tempo todo... Porque daí... vocês iriam falar das experiências de vida... disso... daquilo e daquilo... Tudo ia se perder... Aquilo que já estava... porque na verdade... o tempo ainda é muito pequeno...” / E eu achei interessante isso... entendeu?*** (negritos da autora)

Este é um exemplo de que o professor, muitas vezes, priva-se da habilidade de interagir e opta por um modelo de aula – muito usual – em que apenas ele fala. Freire (1979) chamou essa aula de depositária. Mas, no enunciado, o que atrai mais a atenção é que ela (professora) expõe sua conduta como um defeito e evidencia a angústia de não conhecer outro modo de ensinar a quantidade e a qualidade das coisas que julga necessárias para transformar seus alunos em professores, como ela.

Sobre os atributos do sujeito para ser ou tornar-se professor:

Leticia: *Tem que ter domínio do conteúdo... eh:: Saber trabalhar com o aluno, considerar as dificuldades... perceber o melhor caminho pra se passar o conteúdo... fazer essa transposição::: De como melhor se falar:: Como melhor fazer:: Ter muita paciência:::*



Basso (1998) pondera sobre a posição do sujeito-professor que se dedica e se prepara para a função e recebe cada vez menos valor dentro dos regimes educacionais vigentes. A preocupação com a valorização da profissão é apreendida durante o período de formação.

Lorena: Eu não sei... mas... parece que pro governo não é preciso nada pra ser professor... Qualquer um pode ser... O conteúdo que eu acho que é essencial... assim... O domínio do conteúdo é uma das primeiras coisas:: Fica às traças... né? Porque cada dia que você vai na escola e cada dia você dá aula de uma coisa...(...) Então... sei lá... parece que o domínio do conteúdo é a última coisa... assim... Então... isso desanima bastante:: sabe? Essa desvalorização... Não só da profissão... mas é da educação de maneira geral...

(...)
Lorena: Vamos pensar em nós... A gente tem uma didática que fale a melhor maneira de transposição didática? É claro:: a gente não quer receitas na faculdade... Só que nosso curso... assim... Falta um semestre pra gente se formar...

O grupo passou por uma auto-análise sobre sua trajetória escolar e sobre a escolha desta profissão.

Lorena: Outra coisa que eu queria falar sobre a carreira... (...) influencia muito... Todo mundo já passou pela escola... né? Tem na sua cabeça como é ser professor... como é ser diretor... Talvez por isso banalize tanto essa profissão... (...) porque tem aquela imagem dos professores que teve... dos diretores que teve...

É uma posição interessante para se pensar sobre as representações geradas pela figura do professor. Quem é o professor? Como é o professor?

Nós, que trabalhamos com esses profissionais, na clínica, nos programas de prevenção e promoção de saúde, podemos nos fazer essas perguntas e refletir que, muitas vezes, a clínica fonoaudiológica, tal como o modelo médico tradicional (Gobbi, 2000), nos distancia dessas representações sociais e com isso dificulta a possibilidade de interlocução.

Nas enunciações relativas aos motivos da escolha dessa profissão, as estudantes disseram-se admiradoras da carreira docente e descreveram o professor como aquele que pode deter o poder do conhecimento com uma grande capacidade de doação, de entrega aos alunos e à causa da educação.

Vê-se que há uma busca pelo professor ideal, própria do estudante e há também um confronto com a realidade, uma vez que o desempenho dos educadores, segundo elas, se contrapõe às propostas de educação.

Nara: O detalhe é assim... o professor que se comunica mal... ele impede a aprendizagem de qualidade do aluno... entendeu? Não tem como...

É nesse contexto conflituoso que a comunicação está imbricada. A sala de aula transpira, inspira e expira comunicação – não em cadeia de emissor e receptor, não de maneira maniqueísta, e sim, com inúmeras possibilidades de interação. Porém, a percepção da importância da interação é desproporcional à sua real importância; vê-se isso nos enunciados que versam sobre o desempenho da função do professor, isto é, a constante presença de verbos que exprimem a transitoriedade de uma ação, tais como: transpor, passar, transmitir – conhecimento, como se fosse questão apenas de entregá-lo ao aluno (Chieppe, 2004).

Essa mesma dificuldade em perceber o espaço de interação que é a sala de aula impossibilita o professor de reconhecer-se como agente comunicativo e, por sua vez, a dar importância para sua comunicação e até mesmo para sua saúde. Em contraponto, é isso que as propostas fonoaudiológicas pregam e enfatizam.

Houve a constatação, por parte do GF, de que o melhor meio disponível ao professor para lidar com o aluno é a exposição oral, mas não se questionou a qualidade dessa exposição e sim o conteúdo cognitivo veiculado oralmente. Contraditoriamente, não há disciplinas que instruem ou informem sobre a comunicação, meio de exposição oral; nem tampouco se estranha a ausência dessas disciplinas nos cursos formadores, provavelmente respaldada na máxima de que a comunicação é assunto de natureza pessoal.

No decorrer das discussões, a comunicação do professor esteve presente nos enunciados e relacionada ao que se chamou de “domínio do conteúdo”, portanto, não falar bem apareceu como uma má relação do professor com o conhecimento a ser ensinado.

Lorena: A gente tem professor que dá aula assim... ((demonstra com a mão na cabeça e sobre o cotovelo)) / aí... tipo — alguém mete bronca na corrente

ideológica dele... ele continua assim—(repete o gesto anterior)) E a gente tem professor que até se exalta... Então... a gente tem de tudo...

Nara: *É uma paixão que vem à tona...*

Lorena: *É... E a gente já viu professores... por exemplo... que são da área x... dando aula na área y... Totalmente des...- ((expressão de indiferença ou descontentamento)) – aí:: ele volta pra área dele... É perfeito... porque ele tem aquela ligação... É uma paixão mesmo... pelo assunto... A aula é completamente diferente... mil vezes melhor... muito mais produtiva eh::: Aí sim... gera muito mais interesse... com certeza...*

Ao tomar conhecimento de que se tratava de uma pesquisa fonoaudiológica, emergiu a preocupação com o aspecto doente da habilidade de comunicação, ou seja, o GF identificou a Fonoaudiologia como a ciência que apenas trata de doenças e desvios da comunicação humana.

Nara: *Mas... Fonoaudiologia é tão corpo... tão saúde...*

A partir de então, os enunciados trouxeram marcas discursivas importantes, como se a comunicação em questão fosse outra, diferente da tratada até o momento, com elementos sobre alterações que podem acometer professores, intercalados com períodos de silêncio intenso.

Nara: *É... eu penso que se minha comunicação ficar travada por um tempo... provavelmente... eu entraria em depressão...*

Gabriela: *Bom... uma coisa que pra mim incomoda muito é::: Quando fico com a garganta raspando... (...) eu prefiro ficar com dor de cabeça um dia inteiro...*

Foi interessante acompanhar o comportamento do grupo, pois elas não imaginavam que as informações trocadas pelo GF antes da revelação da área da pesquisa pudessem ter valor para a Fonoaudiologia, uma vez que se falava sobre os meios disponíveis ao professor para dar aula, sua relação com os alunos diante do conhecimento adquirido, das condições de trabalho, enfim, para elas, o GF pareceu perder o foco das discussões ao conhecerem o interlocutor do estudo. Houve um período de silêncio; uma busca angustiada por sentidos.

Ao contrário, a reflexão sobre a relevância da comunicação para a prática docente pôde ser explorada sem o apelo à doença, com olhar nas características naturais da comunicação e, claro, presentes na sala de aula.

Lorena: *(...) Acho que você já conseguiu comprovar que a tendência é aula expositiva... (...) Todo mundo prefere... todo mundo vai ter problema vocal eh::: (...) eu nunca ouvi falar em nada de segurança do trabalho para professores... (...) Eu nunca ouvi nada sobre isso... A gente parece que... Ai:: você se doa à profissão e aí:: nem sabe o que vai gerar em você... Se você vai ficar maluca... se você vai ficar sem voz... né? Não se discute isso...realmente...*

Surgiram justificativas para os nossos encontros, na verdade, apoiadas na necessidade da busca de sentidos diretos para o GF quanto à proposta de interlocução com a Fonoaudiologia e na ausência de distúrbios vocais ou processos adocidos de fala, linguagem, audição, entre outros. Remontou-se, nas narrativas do GF, à idéia de que para haver a interlocução entre a Fonoaudiologia e a Educação seja necessária a presença da doença.

Renata: *Sabe... uma vez eu assisti uma reportagem sobre isso... E tinha uma professora que começou a ter problemas de voz e ela levava/ pra sala de aula/... uma caixa de som e um microfone...((risos))*

Lorena: *(...) Ninguém tá preocupado... né? (...) Quando a gente discute isso... a gente discute qualidade... né? De ensino...*

Renata: *Pro aluno... do aluno...*

Lorena: *Nunca foi para o professor... Claro que facilitaria o trabalho dele... né? Mas era sempre pensando no ensino-aprendizagem... não na saúde do professor...*

Renata: *Nem saí da faculdade e já pensar em ir lá com microfone? Porque ninguém tem problema ainda... né? Só depois que começa a afetar sua vida... mas até então ninguém pensa:::*

Nas entrelinhas das discussões do GF capta-se que enquanto há voz saudável, audição boa, fala inteligível, não há necessidade de se pensar nas propostas fonoaudiológicas.

A Fonoaudiologia propõe, ao longo de seus estudos, a consideração da voz (e de seus desvios)

como uma ação que envolve operações do corpo, da mente, dos sentidos e do meio (social e profissional) onde está inserido o sujeito da voz (Märtz, 1987; Gobbi, 2000; Ferreira, 2002; entre outros). Além disso, os estudos mostram que o caráter expressivo da comunicação é construído em espaços de interlocução e reúne todos os recursos disponíveis para dizer um estado de coisas em situações ímpares (Ferreira, 1998; Dragone, 2001; Servilha, 2000; Chun e Madureira, 2003; Pentead, 2003; Chieppe, 2004; Grillo e Pentead, 2005; Giannini e Passos, 2006; entre outros). Mas, neste estudo, tais informações mostraram-se inacessíveis ao GF.

Denise: A gente estuda uma coisa que acontece com o professor / o mal estar docente/ (...) é sobre os problemas que a sala de aula te oferece... (...) Quando eu penso nos problemas que a profissão pode me causar... eu sempre penso nos riscos... dependendo da comunidade pra quem eu vou trabalhar... (...) Você pode morrer... você pode apanhar...etc. (...) Só que na voz eu nunca pensei... (...)

Nara: Mas é porque a gente desconhece a dimensão desse risco... (...) A impressão que dá é que pesquisas sobre a questão da voz... da expressão... da comunicação... Elas não chegam à rede e não são comentadas nos cursos... porque queira ou não queira... esse curso de Pedagogia... (...) é um curso de qualidade... mas não tem uma disciplina que conte os fatores de risco para o nosso profissional... entendeu? (...) Sabe... a comunicação fica sempre na coisa da transferência do conhecimento e não no fator de risco pra você... E a própria educação do aluno... Porque uma professora que berra tá ensinando o aluno a berrar também... (...) Mas a impressão que me deu é que as pessoas que estão com algum problema mental... auditivo... vocal... Elas só procuram ajuda depois que tá muito agravado o problema... sabe? (...) Parece que não há uma educação para o educador... nesse sentido...

A aluna diz que falta, nos cursos formadores de professores, um enquadre que venha a propor a reflexão sobre a prática docente no que tange os aspectos de saúde e doença referentes à comunicação do professor. Atualmente, essa não é uma carência apenas dos profissionais em formação inicial, pois, em medidas diversas, todos os professores passam pela crise da ausência dessa reflexão. Entretanto, compartilhamos a posição de que o período de formação seja o mais apropriado para refletir, discutir, informar, experimentar e, por fim, ter condições de ver-se praticante dos recursos comuni-

cativos de que dispõe para interagir com seus pares e posteriormente, com seus alunos e com o ambiente escolar. O ponto de intersecção entre as áreas.

Outra manifestação observada nos enunciados do GF é que as habilidades comunicativas do professor, sejam positivas ou negativas, são vistas como características pessoais, porém, passam a ser reconhecidas como coletivas à medida que os problemas (no caso os vocais) são referidos como recorrentes, frequentes e abundantes entre os professores.

Denise: Posso falar uma coisa que também é terrível? Pelo menos dentro da sala de aula... é o professor que está nos extremos do tom de voz... (...)

Lorena: Então:: só que isso de saber se comunicar... parece que é algo... É::: Eu acho que dá pra desenvolver profissionalmente... mas... Tá implícito assim na pessoa... no jeito de ser da pessoa... né? Por isso que é complicado... que nem o nosso curso... eh::: Se você fosse ver deveria ter alguma disciplina que... né? ((riso)) Trabalhasse isso – comunicação e expressão – sei lá... tudo... Desde retórica... sei lá... – TUDO – Só que não existe... porque isso fica mais ou menos a cargo de cada pessoa... de como a pessoa é...

O uso do GF como estratégia metodológica fez com que as estudantes pudessem rever suas posições sobre a temática e suas próprias narrativas levaram-nas a refletir sobre os sentidos da interlocução entre a Fonoaudiologia e a Educação, ainda que inicialmente sem profundidade. Como um sinalizador de que há mais entre a Fonoaudiologia e a docência que o assistencialismo, a reabilitação e a doença, marcantes no discurso do grupo.

Nara: E até porque a pessoa que escolhe Pedagogia já tem uma certa habilidade nisso [comunicação]... né gente?

Lorena: É::: Só que não é isso que a gente vê...

A modificação da tônica do discurso do GF a partir da interlocução com a Fonoaudiologia, a ressignificação da comunicação para as estudantes e a dificuldade de dissociar distúrbios, desvios e alterações da prática fonoaudiológica é a pedra fundamental de nossa proposta de reflexão. O discurso do GF deve remeter-nos ao nosso próprio discurso.

Conclusões

A Fonoaudiologia tem como objeto de estudos e pesquisas a comunicação humana, na extensão da relação de saúde-doença e no aprimoramento da comunicação para uso profissional. A Educação, por sua vez, tem a comunicação como meio principal do exercício docente, mas, contraditoriamente, a dispõe no segundo plano de atenção por entendê-la como uma habilidade de desenvolvimento individual.

Nessa visão, a zona de intersecção entre as áreas, o local onde se estabelece a parceria entre elas acaba por ser o adoecimento, quando, na verdade, poderíamos explorar melhor, em ambas as áreas, os sentidos da comunicação para a docência – a competência comunicativa como valor essencial para o exercício docente – desde o período de formação do professor.

Sabemos que há muito ainda a ser pesquisado, mas ousamos dizer que demos um passo para efetividade de nossas relações: a reflexão sobre o ponto de interlocução entre nós e a docência.

Temos a expectativa de contribuir para que novas reflexões sejam feitas e novos estudos venham a se aprofundar sobre a relação em questão, visando a formação de professores atribuídos de boa comunicação e de informações necessárias e suficientes sobre cuidados, procedimentos e atitudes relacionados à comunicação.

Referências

- Basso IS. Significado e sentido do trabalho docente. *Cad CEDES* 1998;XIX(44):19-32.
- Bicudo-Pereira IMT, Penteado RZ, Marcelo VC. Promoção da saúde e educação em saúde: uma parceria saudável. *Mundo Saude* 2000;24(1):39-44.
- Bloch P. Voz e fala da criança. Rio de Janeiro: Nórdica; 1981.
- Chieppe DC. A fonoaudiologia na formação do professor: estudo sobre a expressividade em sala de aula [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2004.
- Chun RYS, Madureira S. A qualidade e a dinâmica da voz. *Disturb Comun* 2003; 15(2):383-92.
- Cunha MI. O bom professor e sua prática. Campinas (SP): Papyrus; 2001.
- Dragone MLS. Novos caminhos para os estudos sobre a voz do professor. *Fonoaudiol Bras* 2001;(1):43-50.
- Dragone MLS, Behlau MS. A fonoaudiologia brasileira e a voz do professor: olhares científicos no decorrer do tempo. *Fonoaudiol Bras* 2006;4(2):1-3.
- Ferreira LP. Fonoaudiólogos e professores de canto: quem são? o que fazem? In: Ferreira LP, et al. *Voz profissional: profissionais da voz*. Carapicuíba (SP): Pró-Fono; 1998. Cap.1 p.7-22.
- Ferreira LP. A voz do professor: propostas coletivas de promoção de saúde vocal. In: Giroto CRM. *Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola*. São Paulo: Plexus; 1999.
- Ferreira LP. Usos da voz em contexto profissional: para além da clínica terapêutica. In: Ferreira LP, Andrada e Silva MA. *Saúde vocal: práticas fonoaudiológicas*. São Paulo: Roca; 2002. cap.1 p.1-6.
- Ferreira LP, Chieppe DC. Quando as práticas fonoaudiológicas são educativas. *Disturb Comun* 2005;17(1):123-6.
- Ferreira LP, et al. Condições de produção vocal de professores da prefeitura do município de São Paulo. *Disturb Comun* 2003;14(2):263-74.
- Ferreira LP, et al. O que é bom para o dono é bom para a voz [fita de vídeo] São Paulo: Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo; 1999.
- Freire P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1979.
- Giannini SPP, Passos MC. Histórias que fazem sentido: as determinações das alterações vocais do professor. *Disturb Comun* 2006;18(2):245-7.
- Gobbi FHA. A construção do objeto voz na produção científica da PUC-SP: considerações sobre uma nova agenda de teorização e pesquisa [monografia]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.
- Grillo MHMM, Lima EF, Ferreira LP. A questão ensino-aprendizagem num trabalho profilático de aperfeiçoamento vocal com professores. *Pro Fono* 2000; 12(2):73-80.
- Grillo MHMM, Penteado RZ. Impacto da voz na qualidade de vida de professore(a)s do ensino fundamental. *Pro Fono* 2005;17(3):311-20.
- Lima EF. Começando a ensinar: começando a aprender? [tese]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos; 1996.
- Lima EF. A construção do início da docência: reflexões a partir de pesquisas brasileiras. *Rev Cent Educ* 2004;29(2):82-91.
- Märtz MLW. Os usos sociais da voz. *Disturb Comun* 1987; 2(3/4):173-6.
- Mello RR. Os saberes docentes e a formação cotidiana nas séries iniciais do ensino fundamental [tese]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos; 1998.
- Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC; 2000.
- Penteado RZ. Aspectos de qualidade de vida e de subjetividade na promoção de saúde vocal do professor [tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2003.
- Penteado RZ. Escolas promotoras de saúde: implicações para a ação fonoaudiológica. *Fonoaudiol Bras* 2002;2(1):28-37.
- Penteado RZ. Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal. *Rev Soc Bras Fonoaudiol* 2007;12(1):18-22.
- Penteado RZ, Chun RYS, Silva RC. Do higienismo às ações promotoras de saúde: a trajetória em saúde vocal. *Disturb Comun* 2005;17(1):9-17.
- Pimentel MG. O professor em construção. Campinas (SP): Papyrus; 1994.
- Pinent CEC, Silveira FL. Na avaliação do professor pelo aluno: um estudo de características dos professores bem-sucedidos e recomendados pelos alunos. *Rev Educ Bras* 1998;20(41): 143-56.
- Pinto AMM, Furck MAE. Projeto saúde vocal do professor. In: Ferreira LP, organizadora. *Trabalhando a voz*. São Paulo: Summus; 1998. p.11-27.
- Preti D. Análise de textos orais. NURC (Núcleo de Estudos sobre a Norma Urbana Culta), São Paulo: Humanitas; 1999.



- Rego A. Communication effectiveness of university teachers: the students' and teachers' point of view. *Psicol Teor Pesq* 2001;17(3):275-84.
- Roso A. Grupos focais em psicologia social: da teoria à prática. *Rev Psicol* 1997; 28(2):155-69.
- Servilha EAM. A voz do professor: indicador para compreensão da dialogia no processo ensino-aprendizagem [tese]. Campinas (SP): Pontifícia Universidade Católica de Campinas; 2000.
- Servilha EAM, Penteadó RZ. Fonoaudiologia em saúde pública/coletiva: compreendendo prevenção e o paradigma da promoção de saúde. *Disturb Comun* 2004;16(1):107-16.
- Souza TMT. Um século de cuidados com a voz profissional falada: a contribuição da fonoaudiologia [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1998.
- Simões M. A voz do professor – histórico da produção científica de fonoaudiólogos brasileiros sobre o uso da voz. In: Ferreira LP, Oliveira SMRP – Voz Profissional – Produção científica da Fonoaudiologia Brasileira. São Paulo, Roca, 2004, p.1-31.
- Vasconcelos CC. A reflexão: um elemento da formação de professores. *Millenium* [periódico online] 2000 [citado 2003, abril 10];(17): 7telas. Disponível em: www.ipv.pt
- Viola IC. Estudo descritivo das crenças populares no tratamento das alterações vocais em profissionais da voz [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1997.

Recebido em fevereiro/07; **aprovado em** julho/07.

Endereço para correspondência

Daniela C. Chieppe

Av. José Bonifácio, 916/31, CEP 13091-140, Campinas, SP

E-mail: danycais@msn.com

